

Líderes ticunas marcam reunião sobre vingança

BRASÍLIA — "Nós queremos vingança porque o sangue dos ticunas derramou como água de enxurrada do rio Solimões." O desabafo é do professor ticuna Santo Clemente Mariano, escritor, no mesmo dia em que levou um tiro no braço, em meio ao massacre que provocou a morte de pelo menos 11 índios desarmados e ferimentos em outros 22, entre homens, mulheres e crianças, na área indígena de São Leopoldo, município de Benjamim Constant (AM). Trata-se da melhor amostra do estado de espírito com o qual os líderes das 70 comunidades ticunas, representando 20 mil índios, reúnem-se dia 23 na área do choque com os fazendeiros, para definir a atitude a ser tomada frente ao acontecimento.

"A lágrima ticuna é uma só, somos todos parentes. E se todos os 20 mil ticunas resolverem brigar, a coisa vai piorar para os civilizados", adverte o líder indígena Nino Fernandes, presidente da Organização Geral dos Professores Bilingües. No dia 23, em reunião extraordinária, os líderes, que terão viajado, em alguns casos, até 15 dias de canoa pelo rio Solimões para chegar à área indígena de São Leopoldo, local do encontro, decidem se os ticunas entram na briga

Entre a dor e a revolta, os ticunas choram seus mortos e não se conformam em ver os envolvidos na chacina em liberdade. "Quando a gente vê que eles não ficam presos, algemados, dá vontade de matar. Se não existe justiça entre os brancos nós vamos fazer", avisa Nino Fernandes. Para o delegado titular da Polícia Federal em Tabatinga, Ari Marinho, que preside o inquérito instaurado para apurar o massacre, o importante agora é mostrar para os índios que as autoridades estão agindo.

A dificuldade maior, segundo ele, é que todos os criminosos conseguiram fugir ao flagrante — e, portanto, à prisão preventiva automática —, até mesmo o madeireiro Oscar Castelo Branco, apontado como mandante do crime. Castelo Branco é acusado de retirar ilegalmente madeira de área indígena e de envolvimento no tráfico de cocaína.

"Não tenho ainda provas concretas, mas temos informações seguras de que ele está envolvido com o tráfico. Os traficantes, de um modo geral, têm muito interesse em terras indígenas, porque utilizam mão-de-obra dos índios na plantação de epadú" (de onde se extrai a pasta da cocaína), diz o delegado Ari Marinho

Um relato de dor e revolta

Muito da dor e da revolta ticuna está condensada no comovido relato do professor bilingüe Santo Clemente Mariano (ou Pacuracu, seu nome ticuna), escreveu, ferido a bala, logo após o massacre.

No relatório, Santo conta como todos chegaram brincando na casa do índio Flores, no igarapé Capacete, "apanhando açaí e assando maçaqueira e bananas na brasa". Eram "grandes e crianças, mulheres e filhos na tipóia". De repente, o cerco e o tiroteio. Depois, o desabafo: "O que nós sentimos mais é que até crianças eles

mataram. Eles mataram porque nenhum de nós, ticuna, estava armado, porque ninguém estava lá para brigar. Eles nos mataram caçando, como se fossemos algum bicho selvagem"

Em outro trecho, Pacuracu pergunta: "Será que eles vão dar de comer às crianças que deixaram sem pai? Nós queremos vingança, porque o sangue do ticuna derramou como água de enxurrada do rio Solimões. Qual o governo que vai pagar isso para nós?"